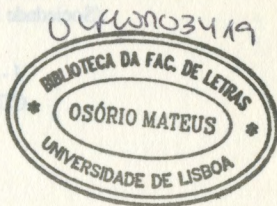


sem flores nem coroas
orlando da costa



Sociedade Portuguesa de Autores . Publicações Dom Quixote

ORLANDO DA COSTA



SEM FLORES NEM COROAS

Peça em três actos
com um estudo cenográfico
de
João Abel Manta

Prefácio de Luiz Francisco Rebello



DOM QUIXOTE

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2003

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Costa, Orlando da, 1929-

Sem flores nem coroas: peça em três actos/Orlando da Costa
com estudo cenográfico de João Abel Manta
(Sociedade Portuguesa de Autores. Teatro; 30)

ISBN 972-20-2400-0

I - Manta, João Abel, 1928-

CDU 821.134.3(679)-2 "19"



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Cintura do Porto

Urbanização da Matinha, Lote A – 2.º C

1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2003, Orlando da Costa e Sociedade Portuguesa de Autores

Capa de: Henrique Cayatte
sobre capa original de Sebastião Rodrigues

Revisão tipográfica: Álvaro Marques

1.ª edição: Abril de 2003

Depósito legal n.º: 192973/03

Fotocomposição: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento:

Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-2400-0

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena)

Mãe

Filha

Pai

1.º grupo de figurantes

Rosenda

Serviçais

Bostú

Mensageiros-Arautos

Padre

2.º Grupo de figurantes

e coro de vozes infantis

Imagine-se uma noite sem lua e meio milhão de habitantes despertos. Uma terra tranquila que perde a serenidade e também chega a perder o medo. Uma casa grande, mas, como tantas outras, térrea e antiga. Uma sala de oratório, uma sala de jantar, um quarto e é tudo quanto se pretende mostrar. Fora será a noite densa, noite de vultos perpassando, que o mais pequeno clarão é capaz de incendiar. Dentro, uma família, no recolhimento de um luto recente, precipita o seu próprio destino — participando num acontecimento dramático, na confissão e na agonia alucinadas de um homem que parece jamais ter conhecido o dom da revolta. Imagine-se ainda que ao cair do pano o sol não terá nascido, que os mortos continuarão mortos e os vivos, esses, somos todos nós.

Advertência: As indicações cenográficas desta peça, atendendo aos imperativos de definição social dos caracteres, não são tidas pelo autor como supérfluas. Não o serão, também, para o encenador, embora este possa e até deva interpretá-las em termos de liberdade tais que, não obstante as recomendações do texto, o espectáculo resulte menos vinculado a um espaço e a um tempo estreitamente definidos do que a uma expressividade teatral moderna — nomeadamente nos planos da representação e estritamente plástico, da iluminação e sonoplastia.

Com esta advertência pretende o autor, sobretudo, inscrever esta peça num repertório de teatro hoje representado.

O. da C.

I ACTO

Ao erguer do pano, haverá uma luz esverdeada incidindo apenas no extremo direito do palco: à volta de um coval um grupo de vultos imóveis; restos de terra, duas enxadas, uma pá. Num plano mais avançado, mesmo no limite do círculo de luz esverdeada, uma cadeira de balouço, que balança sozinha, devagar, até parar. Baixa sensível da luz esverdeada, enquanto se ilumina o resto do palco, de modo a criar, junto dos espectadores, a noção de que agora se encontram diante do verdadeiro espaço cénico.

CENA 1

Sala de oratório da casa, onde se vêem 6 cadeiras. É já o fim do terço quotidiano e os criados retiraram-se. Sentadas em duas delas, a Mãe e a Filha, vestidas de preto. Também vestido de preto, o Pai, ao fundo, apaga, uma a uma, as velas do velho oratório familiar de teca com embutidos de madreperla e marfim. À medida que as velas se apagam, lançando na semiobscuridade o oratório, uma certa claridade avança na cena, iluminando as personagens.

MÃE (*Sem se mover, a voz contristada.*): Faz hoje sete dias que ela morreu! Como o tempo passa! Parece que foi ontem..., pela manhã, à hora em que nos preparávamos, como sempre, para tomar a nossa canja das dez¹, que ouvi aquele breve grito aflito, como que a chamar-nos..., não!, como que a chamar-se a si própria... de longe!... Coitada da mana Leopoldina! (*Suspira.*) Há já sete dias... e ele sem vir!...

Junto ao oratório, o Pai estaca, mantendo-se imóvel por segundos, enquanto a Filha roda a cabeça na direcção da Mãe. Os seus olhares encontram-se.

MÃE Ela que tanto quis!...

FILHA Não é por culpa dele, com certeza...

MÃE ... tanto desejou, tanto! Deve ter guardado as últimas forças da vida para conservar esse desejo, a esperança do

¹ Trata-se de uma refeição ligeira, que consiste em *péz*, caldo só de arroz — acompanhado de acepipes vários tipicamente goeses.

milagre que não se realizou. (*Sob a mais grave das comoções, a voz torna-se-lhe doce.*) Já não respirava e via-se ainda nos seus olhos o brilho desse desejo. Coitada!, por amor do seu Bostú era capaz de se esquecer de ganhar o céu para não perder o direito de voltar a vê-lo antes de morrer...

PAI (*Voltando-se bruscamente, a voz seca.*) Não blasfeme! (*Pousa o apaga-chamas de olhar carregado, a sua voz, porém, baixa imediatamente de tom.*) Você está fatigada, Angélica. Vá descansar, vá, que precisa.

MÃE (*Olhando para a Filha.*) Não é fadiga, não é saudade, é lembrança. Não passa com descanso, só passa com o tempo..., com o gastar do tempo da lembrança... Como a vista e o ouvido...

A Filha levanta-se e aproxima-se da Mãe.

MÃE (*Continua a olhar para a Filha, mas é com o Pai que ela está a falar.*) É estranha esta lembrança... Você bem sabe... como a nossa estima era reservada e distante. Vai fazer trinta anos que entrei para esta casa com a natural reserva das noras tímidas desta terra... Mana Leopoldina pousou em mim um olhar de comiseração maternal — eu era a *loji-ocól*¹! — e sorriu com uma espécie de bondade e eu nunca mais deixei de sentir esse primeiro olhar ou ver aquele sorriso..., sorriso petulante de família...

¹ *Noiva envergonhada* — expressão que persiste, vinda do tempo em que era corrente as mulheres — hindús ou cristãs — casarem-se muito novas e mal conhecendo o noivo.

PAI (*Interrompendo com energia.*) Chega!

MÃE (*Olhando resolutamente para o Pai.*)...também capaz de se encher de grandeza e autêntica bondade!

PAI Chega, já disse! Matilde, faça companhia à sua mãe. (*Sai pela porta do fundo, ao lado do oratório, onde, a pequena altura, esquecidas, brilham duas velas.*)

MÃE O pai não me quer ouvir... (*Suspira.*) Talvez tenha razão. Há tempo para falar e tempo para estar calado. (*Ergue uns olhos afectuosos; a sua voz baixará, mas sempre animada de calor.*) O pai está preocupado, nunca o vi tão... tão receoso do que se está a passar... Parece que tem medo. Um medo diferente. Um medo pelo qual só ele poderá responder... Um medo que não se partilha, sabes? (*Breve pausa.*) De há uns anos para cá que ele está mudado. Já não é o mesmo, não é o mesmo o sono que o acompanha à cama, nem o mesmo o despertar que o espera ao romper do dia... Ah! Matú, se tu soubesses como as coisas mudaram nestes últimos tempos!?

FILHA Então não sei, mãe? Já não sou nenhuma criança... As coisas que se passam à minha volta não me são estranhas e eu... não consigo ser indiferente a elas.

MÃE (*Pensativa.*) Pois, já não és nenhuma criança. Já não... És uma mulher... e uma mulher bela! Qualquer dia pedem-te em casamento! (*Sorri ao vê-la corar.*) E uma vez mais perder-te-ei, minha filha...

FILHA *(O olhar espantado, a mão estendida para o ombro da Mãe.)* Perder-me? Uma vez mais?... Não percebo..., mãe, não percebo...

Diminui a luz na cena ao mesmo tempo que se reacende a luz esverdeada sobre o extremo direito do palco, onde se mantêm os vultos à beira do coval. A um doce gesto da Mãe, a Filha senta-se. Os seus rostos estarão iluminados e assim ficarão, olhando uma para a outra.

MÃE É verdade, Matú... Durante dez anos, os meus primeiros dez anos de casada, andei perdida de ti..., filha. Desejava-te e não te tinha. Passaram-se os meses e os anos vieram e em mim já secava essa esperança que em nós, mulheres, brota como um sentido e nos alimenta mortal... mortalmente como um apetite... desde que a aia nos aperta os seios no primeiro corpete. *(A Filha sorri com timidez.)* Oh, Saibá!, quanto eu não sofri! *(Pausa em que os vultos, à direita, dão meia volta ficando, virados para a cena, imóveis e silenciosos.)* Os olhos de todos postos em mim... e eu era como se sentisse a tua presença e não soubesse como, nem onde, te havia de alcançar... Não houve reza nem santo que me valessem! *(Ergue-se para logo a seguir se sentar novamente.)* O meu corpo era como um fruto novo, mas fibroso e sem sabor, sabes?... Julgava-me para todo o sempre uma dessas mangas que o sol doira todos os anos, mas que as nossas mãos instintivamente apartam para as lançar aos porcos...

FILHA Oh, mãe! *(Ajoelha aos seus pés.)* Como pode dizer uma coisa dessas..., como pôde algum dia pensar assim?!

MÃE: *(Passando a mão pela cabeça reclinada da Filha.)* É verdade, minha filha! Foi no extremo da minha fé, já no último calor da fogueira em que ardi durante anos — já não havia labareda nem corpo para queimar!... —, foi então, sim, que tu me foste anunciada... *(Vira-se para a direita, onde o grupo de vultos se põe de joelhos ao mesmo tempo.)* Já sem esperança nem paixão, julguei-te fruto apenas de uma obstinada dedicação. Cheguei por isso a temer por ti e receei aceitar a dádiva por que tanto me torturara. Saibá!, que me seja perdoado o temor, a fraqueza do meu coração já tão consumido e do meu corpo amesquinhado... *(Persigna-se e, sob a luz esverdeada, os vultos imitam-lhe o gesto.)*

Assoma à porta do fundo o Pai, que estaca. Apaga-se a luz verde. A Mãe sustém a voz e a Filha levanta-se embaraçada. O Pai sai sem ousar dizer palavra. A um aceno da Mãe, a Filha volta a sentar-se na cadeira.

MÃE Viste! Reparaste?...

A rapariga volta-se acto contínuo. Dá pelas duas velas ainda acesas, levanta-se e sopra; torna ao seu lugar sem se aperceber que uma das chamas continua acesa.

MÃE O olhar dele não consegue iludir, nem o silêncio dos seus passos esconde a angústia que o trespassa... Está com medo. É medo, filha, medo!

VOZES *(Como um eco, vindo da direita do palco.)* Medo! Medo!

VOZ DO PAI «Temos de nos sacrificar pelos que expõem as suas vidas na nossa defesa!»

Breve silêncio.

VOZ DE BOSTÚ «Mas não somos nós que vamos ser atacados!... Esta terra vai ser simplesmente...»

VOZ DO PAI «Arrasada!»

VOZ DE BOSTÚ «Arrasada?»

VOZ DO PAI «Sim, arrasada! São ordens! Quem pode sobreviver a uma terra arrasada? Quem?»

O eco da palavra «Arrasada?», dita por Bostú, há-de morrer lentamente até se atingir o mais completo silêncio e, então, ouvir-se-á novamente:

VOZ DE ROSENDA «Para onde quer que eu vá ou me levem, estarei sempre na minha terra.... ...aqui nasci, aqui cresci, nesta terra envelheci..., e nela morrerei, serei no seu pó enterrada... e só nela poderei ser lembrada...»

VOZ DA FILHA «Mãe, mãe?... porque partimos? Por que não ficamos?»

O pano cai rápido sobre o palco todo iluminado. O ruído de passos marchando continuar-se-á ouvindo ainda alguns momentos, enquanto a distribuição das folhas da última hora se conclui pela sala toda iluminada.

FOLHA DA ÚLTIMA HORA

No palco das operações, apesar da descomunal superioridade numérica do invasor, as nossas forças resistem.

Resistimos e resistiremos infligindo baixas ao inimigo até onde for necessário, porque a nossa moral é infatigável, alimentada pela fé e pelos direitos que a história outorgou aos heróis civilizadores do nosso passado.

O rasto desses heróis vindos de longe não será apagado da face desta terra!

Eis-nos por isso aqui, hoje, de armas em punho! Povo e soldados: não pode haver entre nós lugar nem para os insurrectos, nem para os rebeldes, nem para os temerosos.

Cada casa deverá ser um baluarte de resistência, cada esquina uma trincheira na avançada!

Deteremos o passo ao invasor ou será connosco engolido pelas ruínas desta terra: sobre os rios deixará de haver pontes, as paredes das casas e das escolas tombarão, o pó dos campos será cinza e mais cinza e os altares, esses, ficarão nus como sepulturas, e o céu que contemple do alto do seu perdão esta terra arrasada!

Esta folha será distribuída pelo ou pelos Mensageiros-Arautos de Caqui

FOLHA DA ÚLTIMA HORA

Ao soar da I hora da madrugada, tal como quando um dia soaram vozes e trombetas em Jericó, começaram a ruir as muralhas da obstinação.

Esgotado o último tempo de espera, foi posta em prática a única decisão que, parece, desde sempre o nosso adversário esperou, procurando arrastar-nos para a cena de um teatro de morte e destruição.

É outro porém o papel que a história, no presente, nos reserva: a superioridade numérica das nossas forças será utilizada, numa corrida contra o tempo, para contrariar quaisquer desígnios de aniquilamento e sustar as labaredas do fogo posto.

No entanto, a situação é grave. E pela gravidade com que se apresenta ela requer ponderação, decisão, esforço na prática do plano já traçado.

A norte, a sul, a leste e também por mar, o cerco apertará rápido e com firmeza até que o silêncio da capitulação dê lugar à voz da maioria.

Fica, pois, toda a população avisada que deverá salvaguardar as suas vidas e, pelo bem do seu destino, esperar confiante que esta guerra, apenas começada, não seja iluminada duas vezes consecutivas pelo sol desta terra!

Esta folha será distribuída pelo ou pelos Mensageiros-Arautos de Branco